

WALDEMAR BORGES e FRANCISCO SABOYA

A indagação seminal *de onde viemos, aonde vamos* é um daqueles lugares-comuns insolúveis da vã filosofia. Longe de pretendermos enveredar na seara dos metafísicos, arriscamos algumas certezas: viemos de Portugal e fazemos 500 anos. Onde isso vai dar, não sabemos exatamente. Mas, desconfiamos que o Recife pode garantir uma vaga no trem bom da história. Notícias que chegam do espaço cibernético permitem avistar a luz no fim do túnel: são os internautas recifenses construindo as bases do que chamam Delta do Capibaribe, um núcleo de produção e difusão de tecnologia avançada, espécie de Escola de Sagres dos tempos atuais.

Não é por simples homenagem aos nossos 500 anos que estabelecemos analogia com a saga dos patrícios europeus. É que temos algo a aprender com a capacidade que Portugal demonstrou, ao vencer adversidades e ao apostar naquilo que significava o futuro no século XV. Com efeito, demasiadamente ocidental e peninsular, a Pátria Lusa levava evidente desvantagem, numa geografia onde as potências da época eram centrais e a economia enfatizava as trocas com o oriente pelo grande corredor mediterrâneo. Olhando o mapa de frente, o mundo estava à direita de Portugal. Pois os portugueses atalharam pela esquerda e conquistaram meio mundo!

Portugal foi capaz de pôr em prática uma das estratégias de poder mais notáveis de que se tem notícia. Associando o seu maior recurso natural - o mar - com uma decisiva determinação de investir em conhecimento - simbolizada pela Escola de Sagres, ele gerou e dominou tecnologias que o permitiam deslizar por mares nunca dantes navegados e extrair tudo o que, até então, os seus vizinhos do Velho Mundo não haviam conseguido. É bem verdade que a sua prática radical de expropriação absoluta das colônias terminou sendo um grande gol contra, mas esta é uma outra estória. O fato é que o conhecimento, em qualquer etapa da civilização humana, significa poder. E, se foi assim quando a Escola de Sagres conseguiu destacar Portugal dentre as grandes potências mundiais, o que dizer, nos tempos atuais, quando o sistema produtivo tradicional desloca-se precisamente para a área da tecnologia da informação?

Não queremos ir muito longe com essa comparação. Apenas entendemos que o Recife reúne as condições objetivas para ser contemporâneo do próximo milênio, desde que, tal como Portugal há quinhentos anos, decida investir fortemente no campo da ciência e da tecnologia. Tudo é uma questão de querermos (e sabermos) explorar os nossos diferenciais, rompendo com a mentalidade acomodada e conservadora dos que insistem em não ver que navegar continua sendo preciso. Só que, hoje, através da Internet e de tudo o que o

seu universo emblemático nos coloca à frente.

Nesses novos mares, o Recife tem adentrado com reconhecida competência. Poucas cidades brasileiras agregam tantos fatores propícios à consolidação de um pólo gerador de tecnologias avançadas e serviços correlatos, como a nossa. Aqui temos universidades que são celeiros de cérebros com qualidade referendada nacional e internacionalmente. Temos um novo tipo de empresariado, sensível à importância do domínio do saber como fator preponderante de competitividade. Temos, também, alguns homens públicos compreendendo que o papel dos governos não é exatamente o de distribuir o dinheiro do contribuinte a fundo perdido (geralmente, para atividades perdidas), porém, o de assentar a infra-estrutura necessária à consolidação de um novo segmento que se horizontaliza na economia e começa a perpassar quase todas as áreas da atividade humana.

O futuro que o Delta do Capibaribe prenuncia não está tão distante. São muitos os exemplos a mostrar que ele está próximo. Os três projetos de softwares recifenses escolhidos para representar a América Latina no Encontro Internacional da Internet, realizado na Malásia, nos dão conta disso. As recentes negociações entre poderosas transnacionais do ramo com empresas de softwares locais, também. E, da mesma forma, a excelente performance do núcleo do Softex do Recife, além do peso que as mais de quinhentas empresas ligadas ao pólo de informática começam a assumir na arrecadação de impostos municipais. Enfim, são vários os sinais positivos que nos chegam do espaço cibernético, como dizíamos no começo. O mais importante, no entanto, é que, além do que já significa atualmente, a produção tecnológica recifense representa a possibilidade de desenvolvimento a partir de atividades portadoras de futuro, capazes de gerar uma cadeia de pequenos e médios agentes que façam a renda circular.

Imaginamos que em Portugal havia grupos sociais, lobbies e corporação que questionavam os resultados práticos dos investimentos na Escola de Sagres. Na cabeça de alguns, devia ser um contrassenso, para dizer o mínimo, desembolsar recursos para um punhado de malucos ficarem, quase que literalmente, olhando as estrelas, o balanço do mar, o eixo do sol e a velocidade do vento. Mas foi assim que eles chegaram lá (ou cá, melhor dizendo). Será assim também que, embalados não vaivém dos bits, alcançaremos outras praias de além-mar. Ergueremos no Delta do Capibaribe o porto de onde partirão as naus de uma nova trajetória de desenvolvimento da nossa cidade. De sua torre mais alta, já podemos ouvir o anúncio cada vez mais freqüente: "terra à vista".

● *Waldemar Borges é vereador do Recife pelo PPS, Francisco Saboya é consultor de empresas e professor universitário*